

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

TAYNARA CAROLINE TEIXEIRA DA SILVA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS SOB
A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL**

MARINGÁ

2023

TAYNARA CAROLINE TEIXEIRA DA SILVA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS SOB
A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao curso de Pedagogia na
disciplina 4728- Trabalho de Conclusão de
Curso como requisito parcial para
cumprimento das atividades exigidas.

Orientação: Profa. Dra. Giselma Cecília
Serconek

MARINGÁ

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, supremo criador, por ter me concedido a oportunidade de realizar o sonho de iniciar e concluir o curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá.

Aos meus queridos pais, Nair Teixeira e Adilson Vieira da Silva, pelo amor, carinho e apoio.

À minha irmã, Kelen Rosana Teixeira da Silva que sempre me deu forças para prosseguir.

À minha orientadora, Dra Giselda Cecília Serconeck, por ter aceito caminhar comigo para a finalização desta etapa, por sua dedicação, empenho, comprometimento e sabedoria, sem dúvidas, este momento não seria possível sem sua presença.

Muito grata!

DEDICATÓRIA

A Deus, por ter me concedido o dom da vida e esta oportunidade.

À minha família, em especial meus pais, Nair Teixeira e Adilson Vieira da Silva, pois me incentivaram para que fosse possível alcançar meus objetivos.

DEDICO.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS, SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Taynara Caroline Teixeira da Silva¹

Giselma Cecília Serconek²

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo compreender como a organização da contação de histórias pode promover o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos, a partir dos fundamentos da Teoria Histórico-Cultural. Prioritariamente, elegemos para a idade das crianças a denominada Primeira Infância. Este estudo com delineamento bibliográfico e documental, respalda-se nas elaborações da Teoria Histórico-Cultural, pois entendemos que este referencial tem como princípio favorecer o máximo desenvolvimento da criança, bem como ser subsídeo para o trabalho docente pedagógico, que visam práticas humanizadoras, por meio da contação de histórias, na Primeira Infância. À vista disso, desenvolvemos a argumentação acerca do tema, fundamentando-nos nos principais elaboradores da Teoria Histórico-Cultural, tal como Vigotiski (2007) e Leontiev (2004), assim como apresentamos escritos e apontamentos de estudiosos que versam sobre o tema em questão, entre os quais estão: Coelho (2000); Meireles (2001); Abramovich (2006); Cademartori (2010) e Lazaretti (2011). Consideramos essencial que as práticas pedagógicas voltadas à contação de histórias, contemplem estudos e reflexões acerca dos objetivos elencados na presente argumentação.

Palavras-chave: Contação de história; Teoria Histórico-Cultural; Primeira Infância.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (2023). E-mail: ra111734@uem.br

² Doutora em Educação (2018) e docente do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá (2023). E-mail: gserconek2@uem.br

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 DESENVOLVIMENTO HUMANO E INFÂNCIA.....	10
3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA.....	18
3.1 História da Literatura Infantil e suas funções sociais.....	18
3.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA.....	21
4 ORGANIZAÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6 REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por objetivo compreender como a organização da contação de histórias promove o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos, sob o viés da Teoria Histórico-Cultural, uma vez que a contação de histórias é uma atividade pedagógica comum entre as instituições escolares. Assim, o tema da pesquisa é: A organização da contação de histórias para crianças de 0 a 3 anos, ou seja, na modalidade creche.

Considerando os estudos de Vygotski (2009), entendemos que esta primeira etapa de desenvolvimento contemplada, diz respeito a primeira infância, dividida em duas fases: a infância (primeiros meses a 1 ano) e infância precoce (1 a 3 anos). Nesta primeira etapa de desenvolvimento as atividades principais “são respectivamente, comunicação emocional direta com o adulto [...] e atividade objetal manipulatória” (CHAVES; FRANCO, 2016, p. 112).

Tecemos nossas questões sobre a contação de histórias e suas contribuições para com o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos. Para isso, baseamo-nos na Teoria Histórico-Cultural, que se “constitui um referencial teórico metodológico na compreensão do psiquismo histórico-cultural [...] ao defender a essencialidade da educação sistematizada e intencional para o desenvolvimento intelectual mais avançado” (CHAVES; FRANCO, 2016, p. 110).

A inserção da criança no mundo literário, quando tratamos do ambiente escolar, tem sua origem na educação infantil, mais precisamente na modalidade creche, com crianças bem pequenas. O ato de contar, narrar ou dramatizar uma história, está para além de entreter uma criança, esta atividade, quando planejada, sistematizada e realizada intencionalmente, pode colaborar para o desenvolvimento da criança em vários aspectos. Assim, “no presente século, a figura do contador de histórias tem ressurgido estando associada [...] ao âmbito educacional e seus respectivos desdobramentos no desenvolvimento da criança” (ALBANO, 2018, p. 67). Evidencia-se, deste modo, a necessidade de realizar um estudo centrado na prática da contação de histórias sistematizada para o desenvolvimento infantil.

Contação de história é uma expressão recente, embora a prática seja antiga. A realização da contação de histórias teve sua gênese em tempos remotos, por meio da qual o homem utilizava as narrativas para explicar fenômenos da natureza e regras morais, assim essa atividade possuía caráter funcional, de modo que o contador era

o responsável por armazenar e transmitir as histórias acumuladas durante gerações. Por muito tempo, essa atividade se manteve oral, sem registros escritos.

Segundo Silva (2010, p. 137) somente a partir do século XVII, surgiram as primeiras histórias infantis, com Finélon (1651-1751) cujo objetivo era educar moralmente as crianças. “As histórias tinham uma estrutura maniqueísta, a fim de demarcar claramente o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado.” A princípio, essas histórias visavam atender o desejo da nobreza, sem caráter pedagógico.

O início da Literatura Infantil, também, é marcado por Charles Perrault (1628-1703) trazendo as seguintes histórias: *Mãe Gansa*, *A Bela Adormecida no bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Gata Borralheira*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *Henrique do Topete* e *O Pequeno Polegar*. O autor, francês traz a público histórias ouvidas oralmente, traduzidas em escritos. De acordo com Cademartori (2010), posterior a Perrault, surgem também os seguintes escritores de histórias infantis: Andersen Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol, Bush.

No que diz respeito ao âmbito educacional, a contação de histórias também, pode promover e difundir conhecimentos, além de proporcionar às crianças, momentos de emoção e imaginação. Uma outra finalidade desta atividade, é que ela possui um caráter lúdico e interativo, sendo esses, os eixos estruturantes na educação infantil. Contar histórias é uma atividade que já passou por vários fins, sendo a finalidade pedagógica importante e desenvolvida, ao longo desta pesquisa.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil –DCNEI- (BRASIL, 2010) consideram as interações e a brincadeira como eixos estruturantes da prática pedagógica. A Base Nacional Comum Curricular -BNCC- (BRASIL, 2018) da etapa da educação infantil referenda essa diretriz ao desenvolver esses eixos como experiências pelas quais as crianças podem apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com adultos, possibilitando aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

A contação de histórias está presente no contexto das instituições de Educação Infantil, desde a creche, ou seja, de 0 a 3 anos. Ao pôr em prática esta atividade, notamos que existe um colossal campo de possibilidades a serem trabalhadas em vários ambientes, com materiais e em momentos distintos. Pode-se haver a utilização de diversos recursos, como: fantoches, dedoches, palitoches, objetos, a utilização corporal, a voz, a tonalidade e sons diversos, capazes de enriquecer a ação.

Segundo Machado (2004), do ponto de vista pedagógico, na contação de

histórias, é importante não somente saber qual o efeito da história sobre a criança, mas, também compreender que a contação de história pode levar à oportunidade de organização de imagens internas que farão sentido para a criança em dado momento.

Vigotsky (1995) esclarece que o ser humano possui habilidades capazes de pensar, raciocinar e abstrair, porém, segundo ele, o ser humano também é dotado de emoções, sentimentos e desejos, os quais podem ser atingidos ao ouvir uma história.

Lev Semenovitch Vigotsky (1896-1934) foi o grande nome dentro da Teoria Histórico-Cultural em parceria com Luria e Leontiev. Ele entendia o ser humano como um ser histórico e cultural, capaz de se desenvolver através da interação com a cultura. Em suas obras, postula a ideia que diz respeito ao processo humano evolutivo sobre o desenvolvimento, em especial a aprendizagem, que apresenta etapas que o ser humano passa ao longo da vida, assim de acordo com o seu pensamento, a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento. Esses pesquisadores, analisaram o desenvolvimento dos processos psicológicos do ser humano. O objetivo da teoria era superar noções idealistas e mecanicistas que marcavam a época.

De acordo com Leontiev (1978), os períodos do desenvolvimento cultural do sujeito, na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural ocorrem através de atividades de aprendizado que inspiram impactos positivos no processo de apropriação e aprimoramento de habilidades, ou níveis mentais superiores. Assim, a partir da Teoria Histórico-Cultural, compreendemos que a aprendizagem é responsável por gerar o desenvolvimento.

Para Vigotsky (2007), nos primeiros momentos de vida, ou seja, do desenvolvimento do indivíduo, as atividades as quais são desempenhadas pelos mesmos, estão relacionadas ao meio externo e à mediação. Para ele, nos primeiros anos de vida, a criança já começa seu processo de desenvolvimento. A partir do exposto, entende-se a importância da figura do professor e o ambiente escolar, além dos recursos utilizados para mediar o desenvolvimento das crianças bem pequenas, destacamos em razão disso que: “A literatura [...] infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir, nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação” (COELHO, 2000, p. 15).

Para compreender como a organização da contação de histórias promove o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos, precisamos ter um respaldo teórico, e é diante desta necessidade que estabelecemos a Teoria Histórico-Cultural como fundamento teórico da pesquisa. Segundo Vigotsky (2007), a interação social é a base

do processo de aprendizagem e de desenvolvimento infantil.

A partir desse princípio teórico, compreende-se que, nesta etapa da vida, a contação de histórias é uma atividade que vai ao encontro desta perspectiva, ou seja, auxilia a interação da criança com outras pessoas, com fatos, com fenômenos, com um mundo mágico, marcado por trocas.

Partindo destes dados, formulou-se o problema de pesquisa: Como a organização da contação de histórias promove o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural?

A organização da contação de histórias deve passar por um planejamento, o qual tenha sentido e significado quando executado, deve haver a relação da criança com o meio, o adulto e a história e principalmente a interação e as trocas, definindo o melhor recurso para colocar em prática a contação de histórias. Ao encontro desta perspectiva, a criança percebe-se ativa em um mundo mágico que parte do imaginário e pode chegar ao real.

Abramovich (2006) salienta que:

É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias...Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 2006, p. 16).

Nesse sentido, acredita-se que pensar e estabelecer estratégias didáticas e pedagógicas, bem como a elaboração de instrumentos diversos para esta prática, seja de extrema importância para a interação da criança com o meio.

Nosso trabalho está organizado em três seções. Na primeira seção, discutimos questões referentes ao desenvolvimento humano e da infância. Na segunda seção, apresentamos a história da literatura infantil e suas funções sociais, ao longo da história, além do conceito de contação de história. Na terceira seção, dissertamos sobre a organização da contação de histórias para crianças de 0 a 3 anos de idade. Então, tecemos as considerações finais.

2 DESENVOLVIMENTO HUMANO E INFÂNCIA

Para compreender como a organização da contação de histórias promove desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos, sob a perspectiva da Teoria Histórico-

Cultural, faz-se necessário, primeiramente entender o processo de desenvolvimento humano.

O ser humano, segundo Leontiev (2004) se diferencia dos demais animais, principalmente pela cultura, uma vez que o homem, enquanto indivíduo é um ser social e cultural. De acordo com os escritos de Leontiev, “o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade” (LEONTIEV, 2004, p. 279).

Deste modo, a cultura pode ser interpretada como a completude das criações materiais elaborada pelo homem no enquadramento social. Assim, o ser humano é complexo, distinto das demais espécies, pois ele não se encerra ao mundo da maneira com a qual ele se apresenta, mas o sobrepuja e o modifica. Vigotsky (2007), pontua que todo ser humano ao nascer, está contido em um grupo familiar, cultura e sociedade, e por meio das interações sociais e vivências humaniza-se e constitui-se como indivíduo da cultura.

Segundo Vigotsky (2007), o desenvolvimento do indivíduo, bem como as transformações decorrentes, se dão em razão dos planos, filogenético e ontogenético de desenvolvimento.

A filogênese refere-se à evolução das espécies, ao longo de sua história na terra. De tal modo, a espécie possui uma sequência ancestral, cuja evolução perpassa por longos e variados períodos de tempo. Já a ontogênese refere-se ao desenvolvimento de um indivíduo, ao longo de sua existência.

Para Vigotsky (2021), o desenvolvimento de um indivíduo traça caminhos semelhantes ao que o desenvolvimento psíquico percorrido ao longo da história da espécie humana. No decorrer do desenvolvimento do gênero humano, assim como de um indivíduo particular, experienciamos duas linhas de desenvolvimento distintas, a biológica e a cultural.

É a partir do entrelaçamento entre os aspectos culturais e biológicos, que se dá o processo do desenvolvimento humano.

Em se tratando do indivíduo, no processo da ontogênese, o aspecto biológico e cultural constituem uma unidade dialética no desenvolvimento humano, assim, não é preciso aguardar o completo processo de maturação, para que a criança comece o desenvolvimento cultural.

Apesar do papel ativo ser também do organismo que começa a

dominar os meios do comportamento cultural presentes no ambiente, o amadurecimento orgânico desempenha muito mais um papel de condição do que de motor do processo de desenvolvimento cultural, pois a estrutura desse processo é determinada externamente. A maioria das pesquisas até hoje interpretava esse problema de forma unilateral. Por exemplo, temos muitas investigações dedicadas ao esclarecimento de como o amadurecimento biológico da criança define a gradual assimilação da fala, porém, o inverso, a influência da fala no desenvolvimento do pensamento, é pouco estudada. Todos os recursos do comportamento cultural, por sua natureza, são sociais (VIGOTSKI, 2021, p. 88, apud ALVES; FRERES; CARMO, 2021, p.114).

Vigotski (2010, apud LINHARES; FACCI) postula a lei genética geral do desenvolvimento cultural, por meio da qual, as funções psíquicas aparecem duas vezes. A primeira diz respeito ao plano social, enquanto a segunda, ao psicológico interno. Primeiro como condição intersíquica entre os homens, e em seguida, no interior do indivíduo, como condição intrapsíquica. Em síntese, a lei posta, pode ser denominada como sociogênese das funções superiores do comportamento.

De modo que o signo opera inicialmente na conduta infantil como um meio de relação social, como uma função intersíquica. Posteriormente se converte em um meio pelo que a criança controla sua própria conduta de modo que o signo simplesmente transfere ao interior da personalidade atitude social em direção ao sujeito (VIGOTSKI; LURIA, 2007, p. 51, tradução nossa).³

As duas linhas de desenvolvimento apresentadas, cultural e biológica se fazem presentes na formação do homem, filogeneticamente e ontogeneticamente, embora estejam profundamente ligadas uma a outra, possuem suas singularidades, que levam a processos e resultados distintos para o desenvolvimento humano. De acordo com Vigotski (1995), o ser humano apresenta então, leis que conduzem o seu desenvolvimento, são elas: as leis biológicas e históricas.

Como pontua Vigotski (1995), tanto a filogênese, isto é a evolução da espécie humana, quanto a ontogênese, ou seja, o desenvolvimento do homem em sua individualidade, fazem parte das duas leis distintas, responsáveis por reger nosso comportamento, as leis biológicas, também chamadas naturais e as históricas,

³ De modo que el signo opera inicialmente en la conducta infantil como un medio de relación social, como una función intersíquica. Posteriormente se convierte en un medio por el que el niño controla su conducta de modo que el signo simplemente transfere al interior de la personalidad la actual social hacia el sujeto. (VYGOTSKY; LURIA, 2007, p. 51)

entendidas como culturais.

O desenvolvimento cultural da criança se caracteriza antes de tudo por produzir-se enquanto se dão transformações dinâmicas de caráter orgânico. O desenvolvimento cultural se superpõe aos processos de crescimento, maturação e desenvolvimento orgânico da criança, formando com ele um todo. Tão somente por via da abstração, podemos diferenciar uns processos de outros” (VIGOTSKI, 1995, p.36).

A partir dos escritos acima, entende-se a superposição do desenvolvimento cultural sobre o orgânico, evidenciando um comportamento histórico do ser humano, transcendente ao comportamento biológico.

Em se tratando do desenvolvimento infantil, na perspectiva de Vigotski (2007), desde o nascimento, o ser humano está cercado por seus pares em um ambiente cultural. Em consonância a este pensamento, ele pontua que o desenvolvimento da inteligência é produto das relações sociais, assim, o ser humano transforma e é transformado por meio das relações estabelecidas em dada cultura.

De acordo com Bastos e Pereira (2003), as relações se dão por meio da mediação, de modo que a mediação utiliza-se dos signos e instrumentos.

Segundo Oliveira (2010, p.26), “Mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”, que são culturais, ou seja, produzidos pelo homem.

Deste modo:

Os elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo-instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural são fornecidos pelas relações entre os homens (OLIVEIRA, 2010, p. 40).

Vigotski (2007) esclarece que o desenvolvimento Infantil, inicia-se muito antes da entrada da criança no ambiente escolar, uma vez que ela já está inserida em uma instituição familiar, uma cultura e uma sociedade, desde modo, o processo de humanização se inicia já no nascimento.

Ao dar início no ambiente escolar, a criança aprende por meio das trocas, interações, curiosidades e informações. Na visão de Vigotski (2007), o aprendizado precede o desenvolvimento do sujeito.

No que diz respeito à psicologia do desenvolvimento, na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, existem estágios de desenvolvimento psíquico, que são historicamente e socialmente construídos. Leontiev (2004) afirma que existe um critério básico que marca os estágios da vida do sujeito, este por sua vez se traduz como atividade principal ou atividade guia, podemos dizer que por meio dela o sujeito é capaz de estabelecer relações com a realidade que o cerca. A atividade guia, acompanhada da mediação, estabelece caminhos para as principais mudanças em torno do psiquismo e realidade. “É na e pela atividade que o psiquismo se desenvolve [...]” (MARTINS, 2020, p. 87).

Ao nascer, o sujeito não possui ainda todas as propriedades físicas e psíquicas necessárias para que possa sustentar-se em uma sociedade. Embora detenha de meios biológicos que subsidiam a formação humana, necessita ainda aprender a ser humano. Neste aspecto a atividade guia mediada é imprescindível para o aprendizado. O aprendizado, deste modo, envolve uma atividade devidamente mediada, que resulta em um processo tido como educacional. À vista disso, seja pelas experiências cotidianas do âmbito social, ou pela educação formal, o sujeito aprende a cultura material e não material, de maneira a contribuir significativamente no desenvolvimento das habilidades psíquicas (LEONTIEV, 2004).

Leontiev (2004, p. 312) explicita que: “Assim não é a idade da criança que determina, enquanto tal, o conteúdo do estágio de desenvolvimento, mas, pelo contrário, a idade da passagem de um estágio a outro depende do seu conteúdo e que muda com as condições sócio-históricas”. A idade não é portanto, fator determinante para a mudança de cada período, mas as condições de vivência são causas mobilizadoras das transições. De tal modo, as fases do desenvolvimento fazem parte de um ciclo vital.

Segundo Elkonin (1987), o sujeito passa durante seu ciclo de vida, por vários períodos ao se relacionar com a sociedade e os indivíduos que o cerca e é a atividade dominante de cada período, responsável pela condução do desenvolvimento.

Elkonin (1987) apresenta os estágios de desenvolvimento pelos quais o sujeito passa: Comunicação emocional direta entre o adulto e o bebê (0 a 1 ano); Atividade objetual manipulatória (2 e 3 anos); jogo de papéis (4 e 5 anos); Atividade de estudo, a partir da entrada da criança na escola; Comunicação íntima pessoal, na adolescência e atividade profissional na vida jovem e adulta.

Com base nos estudos de Elkonin, Marsiglia e Saccomani (2020, p.565)

esclarecem que do nascimento até o primeiro ano de vida, “[...] o desenvolvimento infantil caracteriza-se pela comunicação emocional do bebê com o adulto, e por isso essa atividade guia é chamada comunicação emocional direta”. A *comunicação emocional direta dos bebês*, constitui-se assim, como basilar para o desenvolvimento sensorial, cognitivo e motor.

O bebê, nesta fase, se desenvolverá a partir das relações que estabelece com o outro “[...] por meio de sua experiência social” (SACCOMANI, MARSIGLIA, 2020, p.565). É nesta fase, que as capacidades sensoriais e as percepções do bebê se desenvolvem. A priori, os bebês, não são bons videntes, mas são bons ouvintes, deste modo, as questões que o envolve, direcionam sua atenção e linguagem, conforme aponta a figura 1.

Figura 1. Comunicação emocional direta adulto criança



Fonte: Leiturinha (2023). Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/o-desenvolvimento-de-linguagem-nos-bebes/>. Acesso em: 13 mar. 2023

Ainda na primeira infância, temos a transição da atividade emocional do bebê, para a *atividade objetal manipulatória*, que é a atividade guia nas idades 2 e 3 anos. A *atividade objetal manipulatória*, caracteriza-se pela manipulação de objetos pelas crianças de modo externo a eles. Assim, nesta etapa de desenvolvimento, a criança “se apropria dos procedimentos socialmente elaborados, das ações com os objetos, em cujo processo ela compara com os adultos” (CLARINDO; MILLER, 2016, p. 264). Esta passagem se dá, pela mudança nos motivos e necessidades do bebê com o adulto (LAZARETTI, 2011).

Este período é essencial no desenvolvimento do bebê, pois ele irá desenvolver habilidades cognitivas, afetivas e motoras manipulando objetos e aprendendo sua função social, além dos seus nomes. As transformações que ocorrem, qualitativas e quantitativas são fundamentais e persistem durante toda a vida do indivíduo. A figura do adulto aparece consideravelmente, pois “É o adulto que mostra às crianças como

realizar as ações e as cumpre junto com elas” (LAZARETTI, 2011, p.170).

Entretanto, *a atividade objetal manipulatória* referida, não se trata de uma manipulação meramente natural, da qual o bebê explore sensorialmente.

Nos objetos, não está escrito ou indicado diretamente os modos de emprego, sendo assim, a criança não pode descobri-los por meio de simples manipulações, sem orientação de um adulto, sem um modelo de ação (LAZARETTI, 2011, p. 173).

Os escritos constataam que a figura do adulto, é responsável por apresentar o mundo à criança “[...] nesta fase do desenvolvimento a criança está realizando o pareamento de suas ações com a fala, mas quem atribui significado às suas ações é o adulto” (SACCOMANI, MARSIGLIA, 2020, p. 571). A figura 2 apresenta um exemplo da atividade referida.

Figura 2. Atividade objetal manipulatória



Fonte: Pinterest (2023). Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/335658978485695502/>. Acesso em: 13 mar. 2023

No período pré-escolar “o jogo de papéis, ou seja, a brincadeira de faz- de conta [...] desenvolve-se intensamente e atinge seu nível máximo na segunda metade desse período” (LAZARETTI, 2011, p.185). O termo “jogo de papéis” segundo Elkonin (1987) é utilizado para designar a brincadeira infantil não estruturada, de maneira que a criança reproduz ações sociais desempenhadas pelo adulto durante os momentos de ludicidade, por exemplo: brincar de mamãe com a boneca, fazer comidinha, etc. “A partir da reprodução dos papéis sociais, a criança assimila o mundo dos adultos e modela as relações da vida humana” (CLARINDO; MILLER, 2016, p.264).

O desenvolvimento da atenção, memória e imaginação se assemelham, na idade anterior, isto é, primeira infância existem as chamadas operações orientadoras, ou

também denominadas, operações da percepção e da inteligência, mas é no período da idade Pré-escolar que essas operações se acentuam e se complexificam. (MUKHINA, 1996) Portanto:

[...] as atividades pedagógicas propostas para essa fase de desenvolvimento na infância devem permitir que a criança possa entrar em contato com diferentes recursos: narração de histórias; leitura de diferentes gêneros; exploração de diferentes livros, materiais e objetos que permitem alcançar formas superiores de comunicação (LAZARETTI, 2011, p. 236).

Lazaretti (2011, p.237) explana que, de acordo com Elkonin, “o ingresso da criança na escola marca o começo de um novo período da vida dela, na qual muda fundamentalmente sua situação perante a sociedade [...]”, isso porquê, a criança entende esta atividade como significativa e socialmente importante. Nesta etapa, a atividade de estudo torna-se a atividade guia de desenvolvimento da pessoa. Assim, Clarindo e Miller (2016) esclarecem que nesse contexto, a inserção da criança na escola tem papel importante na transformação de sua atividade principal, deste modo:

É a atividade de estudo que vai governar na idade escolar o desenvolvimento das crianças. É por meio dessa atividade diretora que as crianças, nessa etapa do desenvolvimento humano, reproduzem os conhecimentos, habilidades e capacidades produzidas historicamente pela humanidade (CLARINDO; MILLER, 2016, p. 265).

Após a *atividade de estudo*, tem-se a chegada do período da Adolescência, marcada pela *atividade de comunicação íntima pessoal*.

[...] é um período de trânsito da infância à juventude e caracteriza-se pelo aprimoramento, em um primeiro momento, das relações sociais e, posteriormente, a busca por se estabelecer na atividade profissional (LAZARETTI, 2011, p.249).

Não obstante, à vista de Elkonin (1987), o período da adolescência é o mais crítico do desenvolvimento. A atividade dominante é marcada pela relação íntima entre os adolescentes, neste período há um grande desenvolvimento no que diz respeito as funções superiores, de modo que os adolescentes se tornam mais críticos em relação aos demais homens. Este é o momento de maior inserção social do adolescente “[...] o próprio adolescente converte-se em objeto de sua atividade, buscando influir sobre si mesmo ou mais que isso, criar a si mesmo” (DRAGUNOVA, 1973, apud PASQUALINI, 2020, p. 146).

A vida adulta é demarcada e conduzida pela atividade de produção social

(ELKONIN, 1987). Dá-se o início da vida adulta em que a atividade principal é o *trabalho*.

Com os estudos de Elkonin, é possível conhecer os elementos centrais das atividades-guia de cada fase de desenvolvimento da criança. Assim, o conceito de atividade é extremamente importante para que seja possível organizar o ensino e a contação de histórias, mais especificamente, considerando as atividades-guia de cada etapa de desenvolvimento.

3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Este capítulo apresenta aspectos referentes à contação de histórias, bem como sua importância para com o desenvolvimento da criança, para tanto faz-se necessário compreender a história da literatura infantil, bem como aspectos referentes à contação de histórias e sua respectiva função social.

3.1 História da Literatura Infantil e suas funções sociais

A literatura infantil e seu uso estão inseridos em um contexto histórico que lhe dá significações e funções distintas. Por essa razão, faz-se relevante pensar em sua definição, percurso histórico e suas funções sociais, a fim de que seu uso, na instituição de educação infantil, venha a ser promotor de desenvolvimento das crianças, que a frequentam.

De acordo com o Dicionário Aurélio (2004), a palavra Literatura se traduz em-“a arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso”, pode ser também: “conjunto de trabalhos literários de um país ou uma época” ou “carreira das letras”.

Coelho (2000, p.27) amplia essa concepção e esclarece que “literatura é uma linguagem, que expressa uma determinada experiência humana e dificilmente poderá ser definida com exatidão”.

Para a autora, o termo Literatura Infantil é:

[...] antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/ impossível realização (COELHO, 2000, p. 27).

Em meio à variedade de conceitos, nota-se que a literatura pode ser também,

produto da cultura, de caráter não homogêneo e por essa razão, talvez não seja possível atribuir-lhe um significado específico. Os aspectos que compõem a literatura transcendem épocas, como exemplifica Meireles (2001, p.19) ao dizer que “a literatura se faz presente desde os povos primitivos, ou qualquer tipo de agrupamento humano mesmo não possuindo a fluência ou entendimento da leitura, e sua significação.”

A autora, citada, esclarece que por meio de cânticos, lendas e histórias os povos primitivos contavam à novas gerações suas experiências e ensinavam moral com provérbios, adivinhações e representações dramatizadas”.

De acordo com Abreu (2005):

Na Antiguidade Clássica, considerava-se Literatura, apesar de não ter exatamente esta denominação, os gêneros: lírico, épico e dramático. Após a invenção da escrita registrou-se a presença das enciclopédias, onde a definição de Literatura era a mesma dada à Gramática, no período Medieval (ABREU, 2005, p.11).

A literatura Infantil tem sua origem a partir do século XVII e XVIII, de início na França e posteriormente, difundiu-se pela Inglaterra. Assim como a própria nomenclatura “literatura infantil” deixa claro, esta literatura é voltada para o público infantil (ABREU, 2005).

Faz-se necessário, atentarmos para o fato de que antes do surgimento da literatura infantil, a concepção de infância e criança eram outras. A criança era vista como um adulto em miniatura e o conhecimento era adquirido por ela, através do convívio social. “A criança, na época, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação” (CADEMARTORI, 2010, p. 37).

Coelho (2000, p.23) explana que o período de infância da criança: “[...] deveria ser encurtado o mais rapidamente possível. Daí a educação rigidamente disciplinadora e punitiva; e a literatura exemplar que procurava levar o pequeno leitor a assumir, precocemente, atitudes consideradas adultas.” Abreu (2005) esclarece que devido à essa concepção de adulto em miniatura, os livros eram escritos para o público jovem ou adolescente e ainda assim eram escassos.

Como bem coloca Scheffer (2010) a partir do século XVIII, devido à ascensão da burguesia, a criança começou a ocupar um lugar de destaque na família e nas demais instituições. Por meio da escola moderna, as ideias vigentes eram divulgadas e preparavam a criança, para que ela pudesse desenvolver seu papel perante a

sociedade. Foi portanto, neste período que a Literatura Infantil surgiu como gênero.

Se anteriormente a criança era vista como adulto em formação, sem a garantia de suas especificidades de aprendizagem, com a ascensão da burguesia essa concepção se modifica, de modo que a criança passa a ser entendida socialmente, como um ser díspar da figura do adulto.

Portanto, neste período histórico, a concepção de criança é entendida como diferente da do adulto, e, que a criança possui suas características e singularidades, necessitando de um ensino diferenciado até chegar a fase adulta.

O trabalho realizado por Perrault, por exemplo, era de um adaptador, assim, pois ele parte de “[...] um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia” (CADEMARTORI, 2010, p. 35).

Embora existissem escritos endereçados às crianças, como por exemplo tratados de pedagogia, com fins religiosos e a literatura oral, Perrault pode ser considerado o precursor da Literatura Infantil. “No século XVII, o francês Charles Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho) coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil” (CADEMARTORI, 2010, p. 33). Após a coleta dos dados, Perrault, adaptava as lendas e narrativas populares de modo a atribuir à elas, valores de comportamentos da classe burguesa, instituindo os contos de fadas.

Constata-se que a coleta realizada por Perrault, enfrentou algumas dificuldades, isto porquê se deu após a *Fronde*⁴. Este período foi marcado também pela ascensão da classe burguesa, como social. Os contos chegavam até Perrault por meio de contadores “[...] que na época, se integravam à vida doméstica como servos” (CADEMARTORI, 2010, p. 34).

Perrault utilizava-se das narrativas do povo e as adaptava, para tanto, levava-se em consideração dois momentos: “[...] o momento do conto folclórico, sem endereçamento à infância, circulando entre os adultos, e, mais tarde, a adaptação pedagógica com direcionamento à criança” (CADEMARTORI, 2010, p.38).

Cademartori (2010, p.38) salienta que antes da coleta feita por Perrault: “Maravilhosos ou humorísticos, os contos populares, antes da coleta, destinavam-se ao público adulto e eram destituídos de propósitos moralizantes”. Com a adaptação

⁴ A *Fronde* foi um movimento popular, contra o governo absolutista durante o reinado de Luís XIV, em que a repressão gerou marcas expressivas de terror na França (CADEMARTORI, 2010)

realizada para o público infantil, evidenciou-se o caráter de advertência nas histórias, assim os personagens eram punidos. Pode-se dizer, que a transformação da Literatura popular para a Literatura Infantil se deu através de Perrault, que validava os contos que chegavam e retirava as passagens obscenas e os conteúdos que não condiziam com a perspectiva infantil, como por exemplo o canibalismo.

De acordo com (COELHO, 2000), a Literatura Infantil, quando assim denominada, era vista como um gênero secundário e não possuía o devido reconhecimento, ela era: “[...] encarada pela crítica como algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (nivelada à aprendizagem ou meio para manter a criança entretida e quieta)” (COELHO, 2000, p.30).

Contrapondo esta perspectiva inicial da crítica, Meireles (2001, p.32) expressa que: “A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.” Um novo olhar para a Literatura infantil, se deu ainda no século XX, desencadeado pela psicologia experimental. Portanto, o devido valor à Literatura, como gênero propriamente significativo, é conquista recente (COELHO, 2000).

De acordo com Cademartori (2010) a Literatura Infantil tem como indicadores, contos estimados pela predileção das crianças de épocas distintas, que por terem sofrido tantos percalços “[...] fornecem aos pósteros referências a respeito da constituição da tônica literária do texto infantil” (CADEMARTORI, 2010, p.33).

Quando falamos da origem da literatura Infantil, faz-se necessário evidenciar as contribuições de outros autores importantes, como por exemplo os irmãos Grimm no século XX. “No século XX outra coleta de contos populares é realizada, na Alemanha, pelos irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel), alargando a antologia dos contos de fadas” (CADEMARTORI, 2010, p.33).

De acordo com Cademartori (2010), outros nomes também merecem destaque na Literatura Infantil, como: Hans Christian Andersen com as obras O patinho feio e Soldadinho de Chumbo; Lewis Carrol com Alice no país das maravilhas; Collodi com Pinóquio; Frank Baum com O mágico de Oz e James Barrie com Peter Pan.

3.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

No Item anterior, apresentamos uma breve contextualização sobre a origem da Literatura Infantil e seus desdobramentos. Agora, pois, trataremos de aspectos

referentes à Contação de História no que diz respeito à sua origem e função enquanto instrumento de conhecimento.

A contação de história manifestou-se antes mesmo da escrita, uma vez que já no princípio da humanidade, o homem sentia a necessidade de transmitir ou repassar, oralmente fatos históricos que diziam respeito à cultura de cada povo. Brito (2021) infere que, a Contação de História é uma arte milenar, pois:

Mais do que entreter ou divertir, sua presença nas mais diversas culturas, está vinculada à função de preservar e transmitir, geração após geração, os conhecimentos e saberes contidos nas narrativas tradicionais (BRITO, 2021, p.21).

De acordo com Busatto (2006) o termo “Contação de História” surgiu nas últimas décadas do século XX, e diz respeito ao ato de contar ou narrar histórias. Encontramos nos escritos da autora, afirmações que nos levam a entender a gênese da Contação de História.

Em sua concepção, uma das referências, na arte de contar histórias, é o povo indígena, isso porquê, o povo indígena se reunia em grandes círculos para expor fatos e narrativas das gerações passadas. A figura central, transmissora das narrativas, era o Pajé que:

[...] deixou de ser um mero instrumento de diversão e encantamento popular, para ser depositário das tradições da tribo, as quais ele deveria transmitir às novas gerações para serem conservadas e veneradas através dos tempos (BUSATTO, 2006, p.17).

Dessas acepções, podemos ressaltar que os momentos destinados à Contação de História eram realizados pelo Pajé, sendo ele, reverência para seu povo, símbolo de autoridade e respeito. A condução por ele se dava entre outros motivos pelo fato de que era ele o mais velho, contendo ricas experiências de vida, em sua grande maioria, sendo fatos experienciados por ele. De tal modo, o povo se reunia envolta de uma fogueira e ouviam as narrativas do Pajé (BUSATTO, 2006).

No transcorrer do tempo, a Contação de História assumiu vários fins, como por exemplo, o religioso, neste caso era uma forma de propagar a religião e gerar entreterimento para a realeza. Busatto (2003) afirma que:

Cristo foi um exímio contador de histórias e suas parábolas podem ser encontradas no grande livro do cristianismo, a Bíblia. Estes temas religiosos estão em vários contos de fadas, como O pobre e o rico, dos Irmãos Grimm, e as tantas narrativas das andanças de Jesus pela terra, acompanhado pelo trapalhão e astuto Pedro, tão a gosto da tradição oral italiana (BUSATTO, 2003, p. 26).

Assim, no decorrer da história, o homem utilizou e utiliza a contação para adquirir e transmitir conhecimento e novos saberes, por meio dos vários instrumentos de narrativas, lendas, contos, mitos, fábulas, entre outros, veiculados sempre pelos mais velhos (SILVA, et. Al, 2019, np).

Nesse sentido, Busatto (2003) reitera que existem registros que consolidam a importância da oralidade na Contação de História mesmo antes de Cristo até a atualidade, haja vista a necessidade e intenso desejo da comunicação entre os homens, percebendo-se como relevante a presença da contação de história. Assim, “[...] o conto de tradição oral, seja ele conto de fada, mito, lenda, fábula, ou conto de ensinamento, encanta por alimentar o nosso imaginário e dar mais brilho ao nosso mundo interior” (BUSATTO, 2003, p. 17).

Tais afirmações vão ao encontro da perspectiva de que a contação de história é uma ferramenta que possibilita a transmissão de novos saberes e conhecimentos, além de estabelecer vínculos afetivos, desenvolver a imaginação. “O conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano” (BUSATTO, 2003, p.37).

No que diz respeito a contação de histórias no âmbito escolar para crianças bem pequenas, em se tratando do desenvolvimento da oralidade, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2013) apontam para a necessidade e a importância de atividades que utilizem a Contação de História na construção e no desenvolvimento da linguagem.

A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado (BRASIL, 2013, p. 93).

Em virtude disso, é importante que o professor possibilite oportunidades para que a criança amplie suas capacidades de se relacionar com o outro e com o mundo a sua volta nas mais diversas situações. Deste modo, a contação de História poderá ser articuladora nesse processo, implicando diretamente no desenvolvimento infantil. Abramovich (2006) aponta para a importância da contação de História para a formação de qualquer criança, pois ouvir uma história é o princípio da aquisição de conhecimentos para a formação de um bom leitor. As histórias são capazes de

promover emoções, que aguçam a curiosidade, criatividade e imaginação, logo:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica [...] É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...Porque, se tiver, deixa de ser [...] prazer e passa a ser Didática, que é o outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo) (ABRAMOVICH, 2006, p. 17).

Ao ouvir uma história, a criança mergulha no mundo da imaginação, capaz de perceber a presença do bem e do mal. Nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre as ações referentes às contribuições para com as crianças, especialmente com as crianças bem pequenas, desenvolvendo práticas humanizadoras, dando ênfase na percepção da criança sobre o ambiente o qual se insere, sobretudo, no escolar. De tal modo, Vigotsky (2009) pontua que:

Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência- sendo as demais circunstâncias as mesmas- mais significativa será a atividade de sua imaginação (VIGOTSKY, 2009, p. 23).

Diante disso, podemos perceber que a contação de história possui aspecto relevante para com o desenvolvimento da criança, uma vez que oportuniza potencial de criação, imaginação, criatividade, conhecimentos e novos saberes, de modo a despertar para um mundo mágico em que a criança voe alto, não colocando em segundo plano o ensino, mas potencializando-o e o deixando mais prazeroso. Assim, as histórias contadas podem ser caracterizadas como: “Uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras [...]”, como explicita Abramovich (2006, p. 24).

4 ORGANIZAÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS

A educação infantil tem como função cuidar e educar a criança de zero a cinco anos de idade. A etapa de zero a três, não é obrigatória, no entanto, a etapa de 4 a 5 anos já exige obrigatoriedade de matrícula. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, em seu artigo 29, a Educação Infantil, de forma mais clara se traduz em:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

A partir do exposto compreende-se a relevância do ambiente escolar no desenvolvimento da criança desde os primeiros meses de vida, sabendo que, a educação infantil é a base ou início de uma extensa caminhada escolar. No cenário atual, é notória a preocupação da educação para com a formação do indivíduo crítico e reflexivo desde a educação infantil, em que os primeiros hábitos começam a aparecer e as crianças passam a interagir socialmente para o desenvolvimento da aprendizagem.

A educação infantil é subdividida em creche, crianças de zero a três anos, e pré-escola, crianças com 4 e 5 anos. Segundo Elkonin (1998), as crianças de zero a 3 anos encontram-se na primeira infância, portanto passam pelas atividades *guia de comunicação emocional direta adulto-criança e de manipulação objetal*.

Pode-se dizer que a oralidade se faz presente em todos os momentos, influenciando na aprendizagem da língua materna, na comunicação das crianças e colaborando para o convívio social. Vinculada à comunicação, ocorre a manipulação de objetos, brinquedos e livros infantis que auxilia no conhecimento de si mesmas e do mundo que as rodeia. Assim, nos primeiros anos do bebê, ou seja, na primeira infância de 0 a 3 anos, a pré-escola é um ambiente cercado por interações que influenciam diretamente no desenvolvimento da criança.

A contação de história torna-se um elemento mediador das relações entre adulto e criança, entre a criança e coisas da realidade, promovendo aprendizagem e desenvolvimento cognitivo-afetivo. A figura 3 apresenta um exemplo de contação de histórias em que ela aparece como mediadora da comunicação emocional adulto criança.

Figura 3. Contação como mediador da comunicação emocional adulto criança



Fonte: Quindim (2023). Disponível em: <https://quindim.com.br/blog/como-contar-historias-para-bebes/>. Acesso em: 13 mar. 2023

Figura 4. Contação como elemento mediador na atividade de manipulação objetal



Fonte: Conselho Federal de Bibliotecologia (2019). Disponível em: <https://crb8.org.br/oldsite/bebeteca-incentiva-iniciacao-a-leitura-nas-unidades-de-educacao-infantil/> Acesso em: 13 mar. 2023

Em virtude disso, constata-se a importância das crianças de 0 a 3 anos participarem de momentos destinados à contação de histórias em sala de aula. Coelho (1999, p. 26) aponta para o fato de que “a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar nos livros novas histórias para seu entretenimento”.

A contação de histórias contribui no desenvolvimento de operações mentais, que auxiliam na construção do sentido e significado das expressões ouvidas, de maneira que somadas ao contexto da história, podem colaborar para o enriquecimento, desenvolvimento da linguagem e, posteriormente na escrita.

O documento BNCC- Base Nacional Comum Curricular, conforme determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, visa organizar o currículo da educação infantil por meio de cinco campos de experiência: O eu, o outro e nós, Traços, sons, cores e formas, Escuta, fala pensamento e imaginação, Tempos, quantidades, relações e transformações e Corpo, gestos e movimentos. No campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, a BNCC chama atenção para a importância da contação de histórias ao dizer que na educação infantil é necessário:

[...] promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2018, p. 42).

Nesse sentido, atividades pedagógicas que visam promover momentos destinados a contação de histórias são essenciais, ademais a BNCC, ainda explicita o fato de que:

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordeis etc. Propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros (BRASIL, 2018, p, 22).

A partir das considerações apresentadas, por meio da contação de histórias é possível desenvolver um maior interesse pela compreensão da realidade, ao passo que oferece espaço para a participação, relações afetivas, possibilitando o desenvolvimento da fala e escuta. Todavia, a contação de histórias não deve ser traduzida ou entendida como mero passatempo e distração entre as crianças bem pequenas. Em razão disso cabe ao professor, desenvolver estratégias e planejar ações que visam atingir os objetivos de desenvolvimento na criança.

Abramovich (2006) esclarece que a contação de histórias não pode ocorrer de qualquer maneira, sem passar por uma organização ou preparo, do contrário, correrá riscos de no meio da história, estacionar durante a pronúncia de alguma palavra, fazer pausas inadequadas e até mesmo esquecer-se das falas e substituí-las por outras, que podem não estar de acordo com o contexto da história “[...] Daí que quando se vai ler uma história seja qual for para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante” (ABRAMOVICH, 2006, p.18).

Em razão disso Faria (2004) evidencia a importância do professor se preparar antes de realizar a contação, ao dizer que:

O professor, para elaborar seu trabalho com a leitura de livros para as crianças, precisa ler primeiro essas obras como leitor comum, deixando-se levar espontaneamente pelo texto, sem pensar ainda na sua utilização em sala de aula (FARIA, 2004, p. 14).

Assim, o professor precisa conhecer a história antes de contá-la, se dedicar, se entregar e não se restringir a didatizá-la sem envolver os alunos, ou seja o gosto pela história começa no contador para despertar o prazer a quem irá ouvi-la. Abramovich (2006, p.18) diz que: “Para contar uma história seja qual for é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com

a sonoridade [...] se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma nova canção”

Para tanto, a preparação da contação de histórias exige um planejamento e estudo desde a escolha do livro até o ato da contação. A autora pontua que o critério de escolha vem do narrador “[...] e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças, o momento que estão vivendo, os referenciais de que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto” (ABRAMOVICH, 2006, p. 20).

De tal modo a organização da contação de histórias visando o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos, deve contemplar aspectos importantes como: a escolha do livro, a escolha do ambiente, a acomodação dos alunos para que todos consigam visualizar o professor, os recursos e principalmente a entonação, o som, as pausas o suspense, o domínio da história e a expressão corporal.

Em relação ao livro, sabe-se que existem muitas histórias direcionadas à educação infantil e cabe ao professor escolhê-las, desde que as conheça. Coelho (1999) afirma que a fase pré-mágica vai até os três anos, assim o enredo das histórias deve ser simples, claro e objetivo.

A escolha do ambiente destinado à contação de histórias e a acomodação das crianças também são fatores importantes, dar preferência a locais silenciosos é uma boa alternativa evitando interferências durante o momento da contação.

Ah, e aí, antes de começar, é bom pedir que se aproximem, que formem uma roda, para viverem algo especial. Que cada um encontre um jeito gostoso de ficar: sentado, deitado, enrodilhado, não importa como... cada um a seu gosto... E depois, quando todos estiverem acomodados, aí começar “Era uma vez...” (ABRAMOVICH, 2006, p. 22).

O professor pode sentar-se com uma diferença de altura dos alunos, por exemplo, utilizando um banco, o que também facilitará a visualização de todos.

Abramovich (2006) diz que “É bom saber começar o momento da contação, talvez o melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...”, ou de qualquer outra forma que agrade o contador e o ouvinte” (ABRAMOVICH, 2006, p. 21). Assim, antes de iniciar a contação de histórias, o professor pode estabelecer um diálogo com as crianças, apresentando pistas do que se trata a história, de modo a despertar a curiosidade delas. É relevante, também a exploração da capa e das imagens da obra literária ou de outros possíveis materiais.

Para que a história se torne relevante para as crianças é necessário “evitar as

descrições imensas e cheias de detalhes, deixando o campo mais aberto para o imaginário da criança” (ABRAMOVICH, 2006, p. 21). O professor precisa estar atento para que os vícios das palavras não se apropriem da história contada, é importante ser criativo, utilizar a entonação de voz, as expressões corporais, os possíveis sons que podem ser produzidos pela voz e pelo corpo e as expressões faciais,

[...] é bom saber usar as modalidades e possibilidades da voz: sussurar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importantíssimo; é bom levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo, ou falar de mansinho quando a ação é calma... Ah, é bom falar muito baixinho, de modo quase inaudível, nos momentos de reflexão ou de dúvida, e usar humoradamente as onomatopéias, os ruídos, os espantos... Ah, é fundamental dar longas pausas quando se introduz o “Então...” (ABRAMOVICH, 2006, p. 21).

É de extrema valia que o professor “[...] crie todo um clima de envolvimento, de encantamento... Que saiba dar pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário [...]” (ABRAMOVICH, 2006, p. 21).

Para o momento da contação de histórias, Souza e Bernardino (2011) esclarecem que o professor pode utilizar vários recursos visuais, além do livro, como por exemplo: fantoches, teatrinhos, máscaras, varais, palitoches, dedoches, fantasias, instrumentos musicais, aventais, imagens e outros. Todos são considerados propícios, para realizar a contação de histórias, pois estimulam a imaginação. O uso desses recursos, dá vida aos personagens inanimados presentes na história, o objetivo não é exclusivamente tornar o momento lúdico, para divertir, mas também para potencializar a aprendizagem e o desenvolvimento da criança.

Em relação ao encerramento da história, faz-se necessário estabelecer uma importância significativa, pois este é o momento em que as crianças saem do mundo mágico para voltarem à realidade. Deste modo, ao finalizar a história, é bom “[...] saber dizer que a história acabou dum jeito especial: “E assim acabou a história. Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...” Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador” (ABRAMOVICH, 2006, p. 21-22).

Após o encerramento o professor pode disponibilizar o livro para que as crianças o sintam e vejam sozinhas

[...] que o folheie bem folheado, que olhe tanto quanto queira, que explore sua forma, que se delicie em retirá-lo da estante (encontrando-o sozinha, em casa ou na escola), que vire página por página ou que pule algumas até reencontrar aquele momento especial que estava buscando... (mesmo que ainda não saiba ler, ela o encontra... e fácil!

(ABRAMOVICH, 2006, p. 22).

O estímulo à leitura desde os primeiros anos de vida, é o que tornará a criança leitora. A contação de histórias é uma ferramenta didática que possibilita a transmissão do conhecimento, auxiliando no processo de construção do intelecto da criança. De acordo com Silva et Al (2019, np). “os benefícios gerados às crianças ouvintes de histórias podem favorecer um desenvolvimento intelectual bem sucedido, bem como um desenvolvimento escolar em que o processo de escuta de histórias facilite a apreensão de novos conhecimentos por parte da criança”.

Nesse sentido, a contação de histórias pode ser o estímulo inicial, se não o principal, para o processo posterior de aprendizagem, a leitura. Contudo, a contação de histórias, como abordado inicialmente, precisa passar por uma organização e planejamento, para que possa ser um elo entre a aprendizagem e o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos.

Assim, no ambiente da educação infantil, de acordo com Vieira (2014) a contação de histórias deve e pode acontecer, desde os primeiros anos de vida da criança, uma vez que o hábito de ouvir histórias auxilia na formação e construção da identidade do sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias esteve presente desde muito cedo na sociedade humana, nos mais diversos cenários, e o contador sempre foi figura central, nesta prática, entretanto, a literatura nem sempre teve vínculo direto com as especificidades da criança, uma vez que no início de seu surgimento, os livros pouco levavam em consideração as características do público infantil. Somente com a adaptação de histórias e contos já existentes, surgiram na França as primeiras histórias voltadas para o público infantil.

Atualmente a prática pedagógica de contação de histórias se constui como fundamental no cenário escolar, principalmente na faixa etária de 0 a 3 anos, deste modo, destamos que ao professor, contador de histórias, cabe se preparar e estudar, para que seja possível estabelecer oportunidades para ampliar e desenvolver as

capacidades das crianças, de maneira que seja prazerosa e que gere estímulos à linguagem, à atenção, à imaginação e criação.

Em consonância aos estudos, compreendemos que o contato das crianças com práticas pedagógicas de contação de histórias planejadas e sistematizadas, que proporcionam encanto e fantasia, abrem caminho para um mundo mágico, que poderá acarretar uma série de estímulos e interações.

Assim sendo, para que a contação de histórias seja favorável ao desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos, faz-se necessário ressaltarmos alguns aspectos relevantes para o exercício desta prática realizada pelo professor. O professor precisa planejar suas ações antes de contar uma história, escolhê-la e estudá-la com cautela são fatores determinantes para uma ação positiva e potencializadora. Faz-se necessário pensar escolher um bom espaço físico para que as crianças se sintam acolhidas e confortáveis, ademais, pode-se incluir também a utilização de recursos didáticos, os quais enriquecerão essa ação. Usufruir da sonoridade, das expressões faciais e do corpo, também é significativo. Evitar termos complexos e pausas contínuas é essencial. Não é preciso ter pressa para finalizar a história, mas é preciso saber finalizá-la. Um bom contador de histórias precisa ler muito, mas não basta somente isso, precisa transmitir e oferecer o que há de mais precioso nas histórias, a fantasia, a imaginação e o estímulo à criatividade.

Ao finalizarmos este estudo, a partir das reflexões desenvolvidas na pesquisa, evidenciamos as contribuições acerca da organização da contação de histórias e como ela pode somar para o desenvolvimento das funções psíquicas da criança de 0 a 3 anos: atenção, percepção, concentração, emoção, linguagem e pensamento.

Acreditamos que os escritos desta monografia poderão se configurar, mesmo que minimamente, para com reflexões acerca das práticas de contação de histórias numa perspectiva de emancipação. Com esse entendimento, finalizamos nossos apontamentos e argumentos, de forma a reiterar a ideia de que há possibilidades para promover o desenvolvimento da criança, à medida que considerarmos e nos atentamos para os preceitos da Teoria Histórico-Cultural, visando ações em sala de aula que ofereçam encantos e aprendizagens para as crianças. Assim, consideramos a contação de histórias como possibilidade de formação humana, na medida em que pode enriquecer os processos de aprendizagem e o desenvolvimento.

6 REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2006, p. 10-169.
- ABREU, Ângela Maria Teixeira. **Literatura Infantil Leitura e prazer no contexto da Biblioteca pública**. 2005. 56 f.- TCC (Especialização)- Universidade Federal do Ceará, Centro de Treinamento e Desenvolvimento, Especialização em Leitura e Formação do Leitor, Fortaleza (CE), 2005.
- ALBANO, Ronaldo. **Interação educador-criança na hora da leitura: um estudo em escolas públicas na cidade de João Pessoa- PB**. 2018. 240 f. Tese (Doutorado em Psicologia da Universidade Federal da Paraíba).
- ALVES, Ranyelle Barbosa; FRERES, Helena de Araújo; CARMO, Maurilene. Gênese e ontogênese das funções psíquicas superiores: um estudo ancorado na psicologia histórico-cultural. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, 2021. ISSN 1984-4735, p. 109-121. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/1219-Texto%20do%20artigo-4484-1-10-20181221%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/1219-Texto%20do%20artigo-4484-1-10-20181221%20(1).pdf). Acesso em: 03 de jan. 2023.
- BASTOS, Ivanilda Maria E Silva; PEREIRA, Sonia Regina. **A Contribuição de Vygotsky e Wallon na compreensão do desenvolvimento infantil**, 2003. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/download/1206/102> acesso em: 04 de jan. de 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, LDB- lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRITO, Nayara Macedo Barbosa. **Contaço de histórias: criação de narrativas e oralidade**. Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação à distância, 2021, p.11-77.
- BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010, p.7-155.
- CHAVES, Marta; FRANCO A. F. Primeira infância: educação e cuidados para o desenvolvimento humano. In: MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio. (org.). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. P. 109-127.
- CLARINDO, C. B. S.; MILLER, S. **Atividade de estudo: ferramenta para a constituição do autor nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Educação, Porto Alegre, v.39, n.2, p. 261-270, maio-ago. 2016.
- COELHO, NELLY Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da Literatura Infantil/juvenil**. São Paulo: Ática, 1999.

ELKONIN, D. **Psicologia do jogo** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ELKONIN, D. **Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia.** In: DAVIDOV, V; SHUARE, M. (Org.). La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS (antología). Moscou: Progreso, 1987. p. 125-142.

FARIA, M.A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** 3 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** 3. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004, 2120 p.

LAZARETTI, Lucinéia. **D. B. Elkonin: vida e obra de um autor da psicologia histórico- cultural.** São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 10- 278.

LEONTIEV, A.N. **O desenvolver do psiquismo.** Lisboa: Livros Horizontes, 1978.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo.** 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004. p. 9-353.

LINHARES, Renata; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **O desenvolvimento das funções psíquicas superiores: rompendo com a dicotomia entre o natural e o histórico cultural.**

MACHADO, Regina. **Acordais fundamentos teórico-poético da arte de contar histórias.** 1. Ed. São Paulo: DCL, 2004.

MARSIGLIA, A. C. G.; SACCOMANI, M. C.S. Contribuições da periodização histórico-cultural do desenvolvimento para o trabalho pedagógico histórico-crítico. In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A; FACCI, M. G. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico.** São Paulo: Autores Associados, 2020. p. 555-598.

MARTINS, J. C., FACCI, M. G. D. A transformação da educação infantil para o ensino fundamental: dos jogos de papéis sociais às atividades de estudo. In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A; FACCI, M. G. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico.** São Paulo: Autores Associados, 2020. p. 248-283.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MUKHINA, V. Leis fundamentais do desenvolvimento psíquico. In: _____. **Psicologia da idade pré-escolar: um manual completo para compreender e ensinar a criança desde o nascimento até os sete anos.** Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes: 1996. p. 35-70.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sóciohistórico.** 5 ed. São Paulo: Scipione, 2010 (coleção pensamento e ação na sala de aula).p.8-111.

PASQUALINI, J. C. A teoria histórico-cultural da periodização do desenvolvimento psíquico como expressão do método materialista dialético. In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A; FACCI, M. G. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico.** São Paulo: Autores Associados, 2020. p. 114-158.

RHODES, F. H. T. **Evolution.** Nova Iorque: Golden Press, 1974.

SCHEFFER, Cristiane Sebastião. **A literatura no contexto da Educação Infantil.** Orientadora: Ivany Souza Ávila. 2010. 44 f.- TCC (Licenciatura em Pedagogia)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Três Cachoeiras, 2010.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da Literatura Infantil: Da origem histórica e do conceito mercadológico na atualidade. **Revista eletrônica de Graduação do UNIVEM-INSS** 1984-7866, [S.l.], v.2, n.2, 2010. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234>.

Acesso em: 20 de fev. 2023.

SILVA, G. K. A., et Al. **A contação de histórias como ferramenta que estimula o envolvimento da criança à leitura.** VI congresso nacional de educação, 2019.

SOUZA, L. O. De.; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e ensino fundamental. **Edurece et Educare- Revista de Educação.** 2011, p. 235-249.

VIEIRA, Dantas. **A contação de histórias na educação infantil.** CINTEDI, 2014.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p.13- 182.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico: livros para professores. Apresentação e comentários: Ana Luiza Smolka, Tradução: Zoia Prestes, São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas, tomo III.** Madri: Visor, 1995.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia, educação e desenvolvimento:** escritos de L. S. Vigotski. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021. p. 9-43.